

A ética como invenção singular da vida

Renata Udler Cromberg

A ética da psicanálise é a da tolerância e do respeito ao desejo singular. Mas seu principal adversário é a agressividade que nos invade quando se frustram nossos desejos onipotentes.

A Renato Mezan

A palavra *ética* vem sendo convocada, com grande interesse, como uma espécie de ponto de apoio condensando angústias e inquietações suscitadas pela vivência de perplexidade diante do abuso de poder, do roubo descarado, do enriquecimento ilícito, etc, após o tempo vertiginoso entre a Era Collor e o Collorgate. Como se ao invocar a própria palavra *ética* nos tornássemos menos servos, menos passivos.

O curioso é que há um pedido de ética e não de moral. Mas será que se entende bem o que se fala? Será que em muitos momentos não se está demandando uma *moral* onde se fala *ética*?

Na moral, um sistema de leis universais e de modelos finais a se atingir, colocados fora de cada indivíduo, estabelece o que é certo e o que é errado, o que é o bem e o que é o mal. Isto engendra um sistema de sanções e punições, caso se desobedeçam certos preceitos e valores morais que guiam os homens de fora e de dentro, a partir de sua internalização, nas suas condutas. A moral trabalha com uma imagem abstrata e homogeneizadora do social.

Assim, muitas vezes, quando se condena hoje a exacerbação do individualismo ou o zelo excessivo pelos próprios interesses em detrimento do coletivo, pensa-se um coletivo, um social homogêneo, que é uma pura imagem fictícia, muito distante da complexa sociabilidade contemporânea. O tempo atual é um tempo que explodiu o muro de Berlim, a polaridade Leste-Oeste, que fez cair a utopia da Liberdade, Fraternidade e Igualdade e a vivência socialista como o feliz topo apaziguador das relações humanas. É um tempo que faz emergir as biodiversidades e as sociodiversidades, fazendo pulular as diferenças em um cenário às vezes bárbaro e segregacionista; um tempo tecnológico, cibernético e midiático, onde mais do que nunca as verdades aparecem como ficções, como simulações a se sucederem numa espantosa e vertiginosa velocidade.

Em termos de Brasil, estamos longe da época da

Renata Udler Cromberg é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Versão remanejada de uma comunicação apresentada no Encontro Norte/Nordeste de Linha Terapêutica, Recife, julho de 1992.

ditadura militar, quando era até certo ponto fácil constituir os lados da polaridade moral. A delicadeza da democracia emerge com toda a sua beleza, impossibilitando a tomada de posições rígidas e radicais. Ela exige o tempo do conflito, a paciência das argumentações, a consideração das diferenças. É por seguir este tempo que a CPI do caso Collor pôde emergir como o mocinho nacional. Não porque detinha uma verdade *a priori* fosse ela moral ou legal, mas porque trouxe o foco para o testemunho pessoal e reabilitou o depoimento, as palavras em suma, como a forma de acesso à constituição de uma nova relação com os códigos sociais.

Parece-me, por isso, que mais do que nunca a reflexão sobre a ética deve afastar a moral como sua sombra. A ética pressupõe uma conjunção do singular com o social de natureza totalmente diferente da moral.

A demanda de ética, a meu ver, pede uma resposta à questão da felicidade humana. É a experiência da infelicidade e do dilaceramento a única forma da existência do ser humano? Ou é apenas uma de suas formas, no caso, forma da servidão? A servidão, é ela natural ou não? Pode ou não ser transformada?

O escopo ético é um desejo interno de alcançar a virtude. Mas a virtude não é um valor moral. Ela é uma força, ela é desejo de existir em ato, ser feliz, agir bem, viver bem. Ela é a procura do útil como aquilo que faz perseverar na existência, como aquilo que aumenta nossa potência.

O escopo ético visa a liberdade possível ao homem. Não como uma ação sem razões, mas pela compreensão do homem em si mesmo de todas as razões de sua ação.¹

A ética psicanalítica, como ética profissional, pode ser colocada em confronto com uma moral social, mas não com uma ética, já que esta é imanente a todas as ações humanas, quando está presente como escopo.

A psicanálise, o dispositivo clínico analítico, inscreve-se na linha-gem dos pensamentos que procuraram dar conta de uma passagem da servidão para a liberdade possível. A escuta psicanalítica percorre um árduo caminho para pulverizar o fantasma inconsciente no vazio em que ele se instalou, para que do vazio possa renascer o desejo. Da posição em que o analista está, ele permite que se manifeste aquilo que é outro. Talvez por isso, a psicanálise nos permite atribuir a devida importância a uma atitude espiritual

A reflexão sobre a ética deve afastar a sombra da moral: elas pressupõem articulações opostas entre o singular e o social.

de tolerância. Tolerância com a diferença, que permite que o desejo possa subsistir como força essencial capaz de nos fazer perseverar na existência e de aumentar nossa potência. Esta ética, que pretende fazer prevalecer ao máximo uma singularidade desejante que tolere a alteridade e a diferença, é uma ética do acompanhamento nas delicadas passagens, ética que frequenta sempre os limites, as margens do que é vivido como outro, estrangeiro, chamado por Freud de forças do *id* e regiões do inconsciente.²

No final de *A Interpretação dos*

sonhos,^{3a} ao concluir sua exposição inaugural do aparelho psíquico, vemos Freud se fazer a seguinte pergunta: "Que importância ética devemos dar aos desejos reprimidos que, assim como criam sonhos podem criar algum dia outros produtos?" Embora reconhecendo o caráter necessariamente provisório das respostas possíveis naquele momento, sugere que "a realidade psíquica dos desejos inconscientes é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material. Parece injustificado que os homens resistam a aceitar a responsabilidade pela imoralidade de seus sonhos. O estudo do funcionamento do aparelho anímico e o conhecimento da relação entre o consciente e o inconsciente fazem desaparecer aquilo que nossos sonhos apresentam de contrário à moral". Além disso, "para a necessidade prática da avaliação do caráter do homem bastam, na maioria dos casos, as suas manifestações conscientes... em todo caso, é sempre muito instrutivo ver o removido solo sobre o qual se alçam orgulhosas as nossas virtudes. A complicação dinâmica do caráter humano não resulta mais explicável por meio de uma simples alternativa, como queria a velha teoria moral".

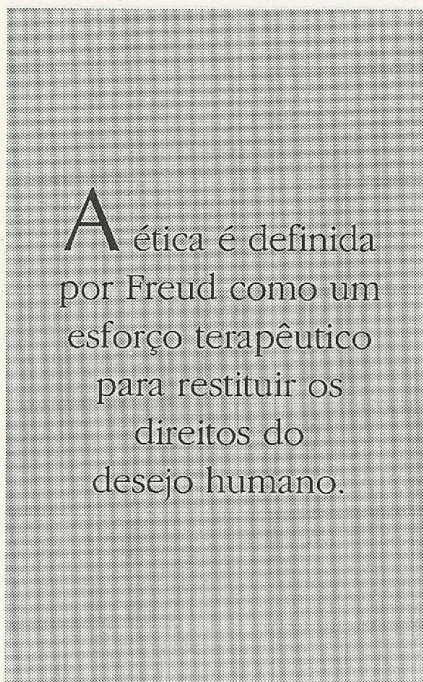
Mas é trinta anos depois, ao escrever *Mal-estar na cultura*,^{3b} que Freud delinea a ética da psicanálise e o que a faz tão singular nos saberes humanos. É uma atitude de tolerância que não escamoteia a alteridade, a potência das causas exteriores e interiores na nossa subjetividade, o que vemos nos pressupostos com que Freud aborda a cultura. Freud aponta como, a partir do próprio corpo (pela sua decadência e aniquilamento), desde o mundo exterior (pelas forças destruidoras onipotentes e implacáveis), e desde a relação com outros seres humanos, a felicidade - propósito humano tanto na sua versão negativa, de evitar a dor e o desprazer, como na sua versão positiva, de experimen-

tar intensas excitações prazerosas - considerada no sentido de sua realização possível "é meramente um problema da economia libidinal de cada indivíduo". Ao enumerar aproximadamente onze saídas libidinais (a quietude, a ciência, a religião, a neurose, a psicose, a narco-se, o gozo na beleza, na arte e no amor, a sublimação e o nirvana do repouso absoluto), Freud delinea a ética psicanalítica da tolerância. É certo que ele apresenta uma gradação qualitativa, na qual o amor é privilegiado como a saída que mais se aproxima dos fortes gozos do desejo humano de felicidade, e a religião a que mais se afasta dele, porque perturba o livre jogo de escolha e de adaptação, impõe a todos um igual caminho único para alcançar a felicidade e evitar o sofrimento, reduz o valor da vida e deforma delirantemente a imagem do mundo real: medidas que têm por condição prévia a intimidação da inteligência, e que levam a que só reste o sofrimento e a submissão incondicional como último consolo e fonte de gozo. Mas Freud não transforma estas onze saídas numa escala de valores morais. Seja o ser humano um tipo erótico, que dá ênfase nos vínculos com as pessoas, seja ele um tipo narcisista, que privilegia os processos psíquicos internos como sua forma de satisfação pulsional, seja um homem de ação, que coloca esta última no medir forças com o mundo exterior, Freud comenta simplesmente que não é uma boa técnica, do ponto de vista da economia libidinal, se apegar a apenas uma única maneira de buscar a felicidade.

Freud delinea a ética psicanalítica da tolerância, onde nenhuma regra a respeito da felicidade vale para todos. "Cada um deve buscar por si mesmo a maneira em que possa ser feliz; sua escolha do caminho a seguir será influenciada pelos mais diversos fatores. A felicidade implica, portanto, a conjunção das circunstâncias exteriores e da

constituição psíquica." ^{3b}

Há, portanto, a afirmação de uma ética simultaneamente da singularidade e da pluralidade, onde vários caminhos para a felicidade são possíveis, mas a escolha é de cada um. Uma ética que afirma um cuidado de si mas, que procura a ajuda de um outro.⁴ Uma ética que, ao propor a escolha singular de um caminho a seguir, nos leva a afirmar que para a felicidade não há absolutamente nada preparado, nem no macrocosmo, nem no microcosmo.⁵ Uma ética que, ao repousar sobre



as alternativas da economia libidinal, e não sobre modelos finais e universais sobre o que é certo ou errado, bom ou ruim ou o que é A Idéia de Felicidade, não se torna nem uma moral, nem uma ética transcendental.

Trata-se de agenciar, nos códigos sociais existentes, aquilo que possibilita a minha criação única de um viver bem e de maneira bela, de acordo com meu desejo e conhecendo as razões dos meus atos, portanto de maneira livre.

No entanto, Freud não escamoteia as dificuldades da concretiza-

ção desta ética da tolerância. A tolerância é, em primeiro lugar, intrapsíquica: cada sujeito necessita realizá-la em si mesmo, antes de tudo. Isto porque vamos reencontrar a sombra da moral nesta entidade dúbia e paradoxal chamada superego, que é ao mesmo tempo o guardião contra o mal, a agressividade humana, e a própria encarnação desta agressividade. A ética será definida então por Freud como um esforço terapêutico que visa restituir os direitos do amor, da sexualidade e do prazer no trabalho, vale dizer os direitos do desejo humano, tentando livrar o homem do profundo sentimento de culpabilidade que o habita pela sua constituição psíquica, especialmente pela sua economia narcísica regida pelo pólo ego ideal-ideal de ego e pelos destinos da pulsão de destruição.

2

Em uma releitura recente de *A Interpretação dos sonhos*, um novo detalhe, uma nova conjuntura chamou minha atenção, ao estudar o sonho da *Monografia Botânica*: a discrepância na consideração dos restos diurnos. O conteúdo manifesto do sonho é o seguinte: "Escrevi uma monografia sobre uma certa planta. Tenho o livro diante de mim e volto neste momento a página em que se achava aberto e contém uma lâmina a cores. Cada exemplar ostenta, à maneira de um herbário, um espécime dissecado da planta." Este sonho, apesar de sua interpretação inacabada, tem motivações típicas dos sonhos de Freud: ambição, rivalidade, o desejo de realizar um grande feito, desejo de ter escrito a monografia sobre a coca, que aparecem na linha associativa do segundo resto diurno, o encontro com Dr. Königstein no dia anterior. A linha associativa do primeiro resto diurno, a monografia dos cíclames, e que se refere ao significado das flores nas relações homem-mulher, es-

pecialmente entre Freud e Marta, apontam para o tema da sexualidade amorosa. No entanto, Freud escreve que só este elemento não seria suficiente para provocar o sonho.

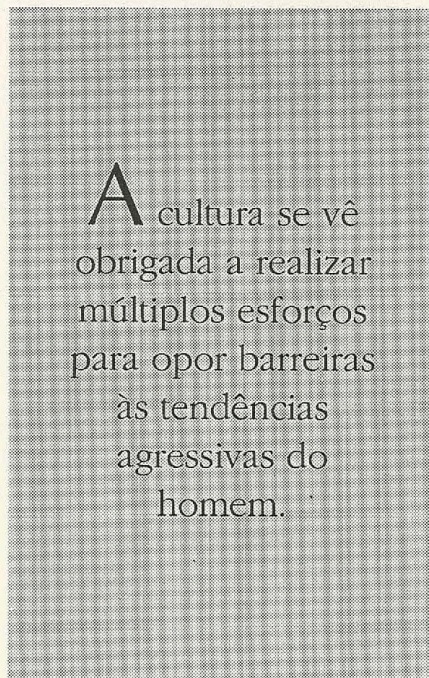
O mais espantoso é que logo após aparece um terceiro resto diurno, que Freud desconsidera inteiramente em suas reflexões teóricas sobre as relações dos restos diurnos ou sobre o sentido do sonho. Em relação ao fragmento “*vejo diante de mim a monografia que escrevi*”: “*Tampouco isto carece de uma relação. Aquele amigo meu residente em Berlim a que antes tive de referir-me, e que possui em alto grau a faculdade de imaginação plástica, me escreveu ontem (daí ser um resto diurno): “Não deixo de pensar em teu livro sobre os sonhos. Vejo-o terminado ante mim e passo suas folhas cheio de interesse”. Invejo-lhe profundamente esta capacidade de visão. Oxalá pudesse ver eu também meu livro terminado ante mim.*”

Ora, se apesar de Freud ter dito não ter completado o sentido do sonho, se levarmos em consideração que o desejo inconsciente e o conflito estão no discurso do sonho, isto é, no seu conteúdo manifesto e nas associações livres, será que o sonho da monografia botânica não aponta em uma de suas possibilidades de sentido para o desejo de conciliar a manutenção da sexualidade amorosa com Marta e o ideal narcísico de ser o escritor de uma monografia importante, a própria *Interpretação dos sonhos*?

Mas não será este mesmo conflito que aparece delineado em *Mal-estar da cultura*? Como conciliar o amor e a sexualidade, “*a mais forte fonte de gozo e felicidade humana*”, com os ideais narcísicos e os ideais impostos pela civilização que roubam a libido para sua consolidação?

Por que não podemos imaginar uma comunidade cultural formada por duplas que se amam, e que, libidinalmente satisfeitas em si mesmas, se vinculariam mutua-

mente por laços de trabalho e interesse? Se isso fosse possível, a cultura não teria nenhuma necessidade de subtrair energia à sexualidade. Esta situação louvável, segundo Freud, não existe nem existiu jamais, pois “*a realidade nos mostra que a cultura pretende também ligar mutuamente os membros da comunidade com laços libidinais, servindo-se para tal fim de qualquer recurso, favorecendo qualquer caminho que possa estabelecer potentes identificações entre aqueles, pondo em jogo a máxima quanti-*



A cultura se vê obrigada a realizar múltiplos esforços para opor barreiras às tendências agressivas do homem.

dade possível de libido com fim inibido, para reforçar os vínculos de comunidade mediante os laços amistosos. A realização destes propósitos exige ineludivelmente uma restrição da vida sexual”. A necessidade que impulsionou a Cultura a adotar este caminho e que fundamenta a sua oposição à sexualidade é um fator de complicação: é a existência de tendências agressivas em nós e nos outros que perturba nossa relação com o semelhante, impondo à cultura tal desdobramento de preceitos.^{3b}

Todos conhecem a célebre pas-

sagem de *Mal-estar da cultura* em que Freud consolida esta visão: “*A verdade oculta atrás de tudo isto, que negaríamos de bom grado, é a de que o homem não é uma criatura terna e necessitada de amor, que somente ousaria defender-se quando atacado, mas, pelo contrário, um ser entre cujas disposições pulsionais também deve incluir-se uma boa porção de agressividade. Por conseguinte, o próximo não representa unicamente para ele um possível colaborador e objeto sexual, mas também um motivo de tentação para satisfazer nele sua agressividade, para explorar sua capacidade de trabalho sem retribuí-la, para aproveitar-se sexualmente dele sem seu consentimento, para apoderar-se de seus bens, para humilhá-lo, para ocasionar-lhe sofrimentos, martirizá-lo e matá-lo. O homem é um lobo para o homem: quem se atreveria a refutar este refrão, depois de todas as experiências da vida e da história?*”

Devido a esta primordial hostilidade entre os homens, a sociedade civilizada se vê constantemente à borda da desintegração. O interesse que oferece a comunidade de trabalho não bastaria para manter sua coesão, pois as paixões pulsionais são mais poderosas que os interesses racionais. A cultura se vê obrigada a realizar múltiplos esforços para opor barreiras às tendências agressivas do homem: daí o reforço dos vínculos amorosos coartados do seu fim através da identificação, daí as restrições da vida sexual, e o preceito de amar o próximo como a si mesmo, ainda que não se tenha conquistado grande coisa com este último.^{3b}

Tendo isolado a tendência agressiva do homem, as pulsões de destruição, Freud vai tentar localizá-las. Ele havia falado em pulsão de morte pela primeira vez em 1920, em *Mais além do princípio do prazer*. Apresentou-a aí como uma discutível tendência inata de retorno ao estado inorgânico, em sua importante manifestação como compulsão à repetição de experiências desagradáveis, particular-

mente das vivências edípicas infantis, o que a ressitua melhor como tendência à reconstrução de um estado psíquico anterior. Mas já aí, Freud diz da dificuldade de perceber a pulsão de destruição, pois ela é muda.

Ora, em *Mal-estar da cultura*, consolidando uma elaboração que passou por *O ego e o Id*, ele afirma seu caráter ruidoso e barulhento como pulsão de destruição.¹² Isto é demonstrado de três maneiras:

1. No sadismo, amalgamada com a pulsão sexual, mas onde a pulsão de morte desvia à sua maneira e conveniência o fim erótico, sem deixar de satisfazer o impulso sexual. Há aqui presente, portanto, sexualidade e objeto.

2. Numa outra forma de amálgama com a pulsão sexual, esta leva a melhor. Atenuada e domesticada, quase coartada em seu fim, a pulsão de destruição dirigida aos objetos deve oferecer ao eu a satisfação de suas necessidades vitais e o domínio sobre a natureza. Há aqui Eros como auto-conservação e objeto.

3. Numa terceira maneira, a pulsão de destruição aparece quase pura, sem propósitos sexuais: na cega fúria destrutiva, mas ainda assim acompanhada de extraordinário prazer narcisista, pois oferece ao eu seus mais arcaicos desejos de onipotência.

É neste modo quase puro de aparecimento da pulsão de destruição que eu gostaria de me deter.

3

Ao falar em extraordinário prazer narcisista que se obtém na cega fúria destrutiva, Freud parece estar falando da criança imaginária que existe em todos nós, metáfora do ego ideal e que vem sempre exigir o seu lugar, ao menos no reconhecimento de suas pretensões, que a vida se encarrega de frustrar. Quando não há este reconhecimento, ou

a transformação de suas pretensões em ideais de ego mediatizados pelas possibilidades dadas pelo outro, pelo desejo e pela comunidade dos homens para sua realização, esta criança imaginária reage com agressividade.

Ela pode criar a pior das servidões, a servidão invisível e inconsciente às próprias imagens como o único referencial de conhecimento e contato com o mundo. É isso que me parece que Freud está querendo dizer com a expressão "*os mais arcaicos desejos de onipotência do*

A criança onipotente em nós, metáfora do ego ideal, exige o reconhecimento de suas pretensões auto-eróticas e fusionais.

eu". Criando a imagem da liberdade paradisíaca e imortal, na quimera da completude narcísica que se exprime numa ânsia de totalização, obstaculiza o desejo de liberdade que é possível ao homem. Tirânica, esta criança faz com que se tenha que obedecer aos imperativos de um outro em nós, que quer se fundir com a coisa originária da qual nasceu e que foi o primeiro esteio de nossas identificações.²

Mas por que isto se dá assim?

Porque é o narcisismo dos pais o "*novo ato psíquico*" que funda o narcisismo, inicialmente como eu

ideal. Toda a energia das pulsões auto-eróticas tem que se somar para a criação/investimento desta nova instância. Este outro, a mãe, deseja coisas do bebê, e as antecipa numa imagem unificada ideal, enquanto o bebê está fragmentado na vivência auto-erótica das pulsões parciais.

Nesta mudança qualitativa do auto-erotismo para o narcisismo, há uma dessexualização, há um abandono de um intenso prazer auto-erótico, um primeiro modo também de lidar com a separação muito mal aceita, do objeto com quem se fazia um *continuum*, e de lidar com as exigências para continuar a obter o amor deste objeto.

É verdade que esta criança é igualmente, no dizer de Serge Leclaire,⁶ capaz das mais fantásticas criações artísticas e culturais, oferecendo ao homem um parceiro interno que possibilita o encontro de parceiros externos para enfrentar a experiência de desamparo e impotência, realidade primeira e última do homem diante da experiência da separação e da morte. Há, portanto, sempre uma criança a matar e uma a fazer renascer.

Ainda que a sublimação, a luta pela vida, a sexualidade de objeto e os ideais de ego sejam os destinos posteriores destes arcaicos desejos de onipotência, há algo deste processo inicial de passagem do auto-erotismo para o narcisismo de que eles não conseguem dar conta. Há um prazer abandonado do auto-erotismo, do qual a dessexualização e o prazer narcisista tampouco dão conta, e que insiste em um retorno que as exigências civilizatórias não permitem mais. Esse resto busca lugar o tempo todo, e se não o acha, produz auto- e alo-destrutividade.

Aí parece não haver outro jeito do que gastar grande parte da existência às voltas com as exigências de um superego constituído para combater esta agressividade, mas que, a cada renúncia do seu exercício pelo eu, a incorpora e ataca o

eu com igual destrutividade. Junto com a agressividade, a cara feia da mãe e depois do pai passa a estar internalizada. A partir daí, tememos a perda de amor e proteção deste Superego da mesma forma que temíamos a perda de amor e proteção de nossos pais. No entanto, tirânico, ele exerce direitos vida afora; muitas vezes tem muito mais a ver com se estar preso a situações passadas, a esta sobrevivência do passado no psíquico, do que com a situação do eu atual. Daí estar-se às voltas com um sentimento de culpabilidade e remorso muito mais ligado a pensamentos arcaicos do que com atos efetivamente praticados.

Há uma criança imaginária narcísica que se submete à dinâmica dos ideais e às exigências da cultura. Há outra presa aos sonhos e quimeras nascidos do desejo deste primeiro outro materno, criança que não se submete e que precisa ser morta sempre que ressurge. Mas há uma criança pulsional que na simplicidade de seus desejos infantis, do seu estado de prazer auto-erótico, precisa inventar um lugar na civilização e ensinar a esta como dar a devida importância para este prazer.

Em *Mal-estar na cultura*, Freud parte do sentimento oceânico atribuindo-o, com muito temor, à primitiva vivência narcísica ilimitada. Há um certo susto e desconfiança em relação a ela. Assim, ele dirá que prefere respirar "a rosada luz do dia" ao invés dos benefícios da ioga que fixa a atenção às funções corporais, despertando sentimentos e sensações difusas que são regressões aos estados primordiais da vida psíquica profundamente soterrados, e que estariam presentes na sabedoria da mística, no transe e no êxtase. Paradoxalmente, este é o mote que vai levá-lo, neste escrito, a perceber todos os limites da razão iluminista e da cultura, para efetivar o anseio principal do homem: a felicidade.

Será que, apesar das "dificuldades inerentes à essência mesma

da cultura" que Freud apontava, não podemos impor, como era sua expectativa, "à nossa cultura modificações que satisfaçam melhor às nossas necessidades?"

Neste sentido, será que a cultura atual não estaria encontrando um caminho de restituir ao auto-erotismo os seus direitos, numa nova consideração de seu papel na sexualidade genital adulta, na valorização de sublimações mais sensoriais e corporais, que permitam a emergência de um estado psíquico similar ao prazer auto-erótico e fu-

Mas há uma criança pulsional que, na simplicidade de seus desejos infantis, precisa ensinar à civilização o valor do prazer.

sional? Quem sabe internamente, psiquicamente, ali onde antes havia um grito de um outro de cara feia, impedor, possa funcionar um outro benevolente, esboço de um sorriso sábio e tranqüilo.

Talvez seja na direção de uma nova invenção da cultura que estejamos rumando nestes últimos tempos conturbados, com a demanda ecológica e com um novo olhar ao feminino. Ousar tocar, sentir e mexer na terra como se fosse nosso corpo, e em nosso corpo como se fosse nossa terra.

Em todo caso parece que foi

isso que percebeu Freud. Em uma carta de 1926 a Marie Bonaparte, ele se refere a um poema de primavera de Uhland - "a floração não quer acabar, o mais longe, o mais profundo vale floresce," e se surpreende do caminho que percorreu para aceder ao imaginário da germinação: "Devo continuar com minhas excursões matinais na primavera de Viena, que são realmente agradáveis. Que lástima que fiz este descobrimento já velho e enfermo."⁸

Podemos nos espantar, já que numa carta famosa a Fliess em 1900 ele escreve: "Pelo demais, a vida em Bellevue é muito agradável para todos. As manhãs e as noites são deliciosas; depois dos lilases e das bouganvilles, as acácias e os jasmims perfumam agora o ar. As rosas silvestres estão em flor e me parece que tudo isso ocorreu de uma só vez, de súbito. Crês que nesta casa poderá ler-se algum dia uma placa de mármore que diga assim: Aqui, a 24 de julho de 1895, se revelou ao doutor Sigmund Freud o enigma dos sonhos?"¹¹

Se na carta de 1928 Freud fala da sua percepção das flores como quem fez um descobrimento, na carta de 1900 é o descobrimento do enigma dos sonhos e o reconhecimento narcísico que este pode lhe proporcionar que se sobrepõe à sua percepção e vivência das flores, relegando-as a segundo plano.

Ora, a germinação e a floração são um lento processo, não ocorrem de uma vez só. Mas de 1900 a 1926-30, há uma longa germinação da obra psicanalítica, fruto de Sigmund Freud. Da ambição de ver sua monografia dos sonhos publicada, da inibição que o torturou de assumi-la como sua transgressão maior, que a inibição de ir a Roma ocultou,⁹ temos em 1930 uma Roma muito visitada e descrita nos seus mínimos detalhes em *Mal-estar da cultura*.

Os limites da proposta freudiana, que os paradoxos deste livro trazem à luz, revelam como a crian-

ça pulsional era assustadora para ele. Esta traz a vivência narcísica primitiva, não no nível da projeção da imagem especular, formadora das instâncias psíquicas, mas no nível do corpo. Por isso, o sentimento oceânico e também a flor preferida de Marta, o usufruto da sexualidade feminina, têm que ficar tanto tempo em segundo plano.

Se observarmos a seqüência dos textos que se seguem ao *Mal-estar...*, vemos que Freud escreve "Sobre a sexualidade feminina" e, logo após, *A conquista do fogo*, onde aborda os efeitos do erotismo uretral na cultura e na sexualidade masculina. Com os impasses da cultura, dos ideais narcísicos e da ambição, pode se voltar para a flor preferida de Marta, talvez aí sem mais invejar a capacidade de visualização plástica de Fliess.

Escrevendo sobre a sexualidade feminina, sobre o corpo e o desejo da mulher, bem como sobre o feminino no homem, logo após ter escrito o *Mal-estar...*, Freud, apesar do enigma, conquistou o fogo não mais como o único pertence do diabo, na forma do erotismo uretral expresso na ambição fálico-narcisista, mas sim como apoderamento da potência da sexualidade humana, essa tendência multiplicadora da vida, essa força procriadora da natureza.

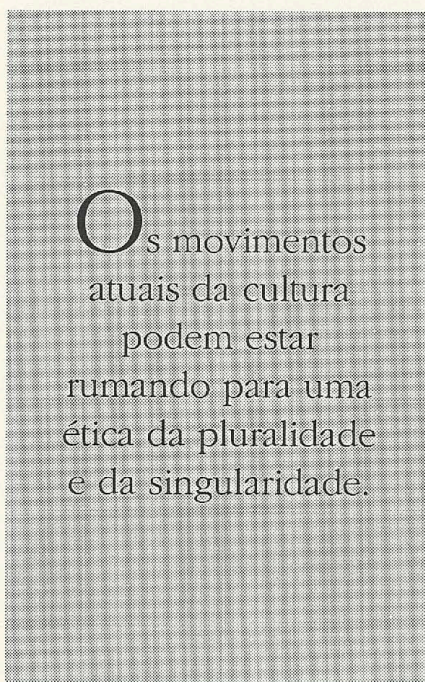
4

A ética, a meu ver, visa a felicidade e a liberdade possível ao homem. Procurei mostrar a ética da psicanálise como uma ética da tolerância, que acompanha o sujeito na passagem da servidão para a liberdade possível. Nela, nenhuma regra a respeito da felicidade vale para todos. Assim, torna-se uma ética da pluralidade que permite a cada um viver bem e de maneira bela, de acordo com seu desejo e no conhecimento das razões de seus atos.

Esta ética da tolerância é antes

de tudo tolerância do sujeito para consigo mesmo, já que a sombra da moral reaparece pela figura paradoxal do Superego e nas suas exigências. A ética se torna então um esforço terapêutico que visa restituir os direitos do desejo humano e tenta livrar o homem do profundo sentimento de culpabilidade que o habita.

O pedido de ética pode pretender a reposição de uma moral universal, válida para todos e que assujeita todos do mesmo modo. Mas os movimentos atuais da cultura, de



encontro com a sensorialidade através da demanda ecológica, podem estar rumando em outra direção. Os conceitos de biodiversidade e sociodiversidade apontam muito mais para a demanda de uma ética social da pluralidade e da singularidade.

Esse não me parece ser o projeto de uma nova utopia, a criação de mitos paradisíacos, mas sim o desejo de novas relações sociais e políticas entre os homens, desejo que passa antes de tudo por cada um. O homem virtuoso que procura o que é útil para si, viver bem e uma vida bela, não encontra nada mais

útil do que outro homem. Assim, ele não deseja nada para si que não deseje também para os outros homens. A sociabilidade pode ser também engendrada como um desejo e se tornar não algo dado restritivo, mas a invenção de cada um.

A vida social é uma invenção singular, embora, paradoxalmente, exista antes da abertura de cada subjetividade a ela. Do ponto de vista psíquico, isto é possível porque o princípio de realidade não é pura adaptação a ela, mas criação de realidade que visa o desejo singular.^{14e15}

Ao tentar abordar a sociabilidade como desejo, desejo de sociabilidade, tento construir uma alternativa à idéia de Freud da sociabilidade como algo imposto e restritivo, pois parece ser esta que dá a tonalidade sem saída, angustiante e pessimista no texto *Mal-estar na Cultura*.

Como queria Espinosa, o exercício da cidadania é o desejo de compartilhar a alegria do conhecimento que nasce dos afetos com outros homens, despertando neles o desejo de pensar e conhecer no exercício de uma razão afetiva que é o próprio exercício da liberdade humana.¹

NOTAS

1. Espinosa, B. - *Ética*, SP, Abril, 1973.
2. Cromberg, Renata U. - No limbo de uma outra cena, *Percursos*, nº 4, SP, 1990.
3. Freud, S. a) *A interpretação dos sonhos*, Madrid, B. Nuova, 1973. b) *Mal-estar da cultura*, c) Para introduzir o narcisismo.
4. Foucault, M. - *O cuidado de si*, in *Historia da sexualidade*, vol. III, RJ, 1985.
5. Lacan, J. - *A ética da psicanálise*, RJ, J. Zahar ed., 1988.
6. Leclair, S. - *Mata-se uma criança*, RJ, J. Zahar ed., 1977.
7. Costa, J. Freire - Sobre a geração AI-5: violência e narcisismo, in *Violência e Psicanálise*, RJ, Graal, 1986. - Narcisismo em tempos sombrios, in *Percursos da história da psicanálise*, RJ, Taurus, 1988.
8. Schneider, M. - *As metáforas do ato interpretativo na interpretação dos sonhos*, xerox.
9. Stein, C. - L'emergence, in *Études Freudiennes* 9, Paris, 1974.
10. Féddia, P. - *Nome, figura e memória*, SP, Escuta, 1992.
11. Freud, S. - Carta 137, in *As origens da psicanálise*, Madrid, Alianza, 1983.
12. Trucco, R. e Alperovitch, E. - Essa pulsão é de morte! *Percursos* 5/6, SP, 1991.
13. Aragão et all - *Clínica do social*, SP, Escuta, 1991.
14. Gurfinkel, Décio - *A teoria das pulsões em Freud e a questão da toxicomania* - tese de mestrado inédita - 1992.
15. Winnicott, Donald - Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos, in *Ambiente e processos de maturação*, Martins Fontes, 1988.